

Sociedade
Martino Jansen
Guimarães



O ZIRRO

FOLHA SATYRICA E LITTERARIA

1.º ANNO	ASSIGNATURAS	<i>Guimarães, 1 de dezembro de 1887</i>	PUBLICAÇÕES	N.º 3
	Série de 26 numeros 500 » » 13 » 250		Annuncios e communicados. . . 20 réis por linha Todos os authographos sejam ou não publicados não são devolvidos. Correspondencia dirigida á redacção do <i>Zirro</i> . GUIMARÃES	

1.º DE DEZEMBRO DE 1640



1.º DE DEZEMBRO DE 1887

Farei, Senhor, que nunca os admirados
Allemaes, Gallos, Italos e Inglezes
Possão dizer que são para mandados
Mais que para mandar, os Portuguezes.

Camões—LUSIADAS.



PARA é a nação, por mais pujante e valerosa, que não soffra epochas de crise mais ou menos dilatada, mais ou menos profunda. Portugal soffreu, desde 1580 até 1 de dezembro de 1640. a mais profunda crise, a mais dilatada angustia, que quasi esteve a desaparecer para sempre do numero das nações autonomas. Felizmente 1640 veio comprovar que a nação portugueza era ainda mais para mandar que ser mandada.

E' por isso aquella data uma das mais gloriosas da historia fulgurante d'este nosso velho Portugal. Por isso a festejamos.

E com tanto maior alogo, quanto é certo que a nação visinha e amiga não póde considerar offensivas as expansões do nosso patriotismo, commemorando a data d'uma revolução, que teve apenas por intenção e por producto sacudir o jugo oppressivo e imposto—pela Hespanha?—, não, mas pelo governo absoluto dos Filippes, que se engrandeceram em territorio o paiz que governavam, deprimiam os hespanhoes com a formula absorvente, arbitraria e oppressora do seu governo.

Aquella revolução não se converteu n'uma guerra de exterminio, injusta e brutal, que cavasse entre dous povos, abysmos que nunca se supprimem, antinomias que nunca se extinguem, odios que nunca se obliteram. Foi um duello, em que se mediram forças, e em que vencedor e vencido se reconheceram dignos de mutuo respeito, de mutua estima, livres, independentes para poderem seguir, com propria responsabilidade, a róta dos seus destinos historicos.

E hoje, que o progresso da viação supprimio a fronteira; hoje, que a revolução liberal anniquilou o despotismo, e deu aos dous povos o desafogo na sua constituição interna; hoje, que o estreitamento entre os dous povos provém, não da violencia d'uma conquista, mas da frequencia das relações entre homens, que se confessam irmãos pela origem, pelas crenças, pelas aspirações: a nossa commemoção patriotica traduz, não que se abraisse uma nova epocha d'hostilidades, mas que continuamos a afirmar o nosso espirito d'independencia, a nossa vitalidade briosa, que nos torna cada vez mais dignos da cordealidade de relações com a Hespanha.

Independentes, portuguezes e hespanhoes, podem estreitar ainda mais as suas relações de boa visinhança: aquecidos pelo mesmo sol, animados por identicas aspirações, para que caminhemos, n'uma direcção parallela, com exforço commum, para as conquistas que a civilisação offerece, podemos ser alliados, mas não é necessario que nenhum dos dous povos se supprima.

A affirmação de vitalidade patriotica, com as commemorações festivas do anniversario d'aquella data gloriosa, não contém uma offensa para a nação visinha, mas apenas o protesto contra os sonhadores da união iberica, de Portugal, e d'Hespanha.

Como em 1640, queremos ser independentes e livres. Mais do que em 1640, por que se conservamos o mesmo espirito d'independencia nas relações externas, na nossa constituição interna queremos que se mantenha a liberdade conquistada.

*

O movimento epico, que illustra a historia patria, e que hoje commemoramos, foi rapido, e teve causas proximas que muito o favoreceram. A sublevação da Catalunha, que obrigou o governo hespanhol a distrahir forças, inspirou-o tambem a pôr em execução o plano de oppressão da nobreza e do povo portuguez em tributos de sangue e dinheiro.

A fidalguia portugueza remiu, com o movimento de 1640, as fraquezas lastimaveis de 1580.

Ao plano de maior oppressão e de deshonor para as familias portuguezas, elaborado e começado a executar pelo governo d'Olivares, correspondeu com a maxima intensidade a reacção de brio de toda a nação.

D'esse plano infernal, que só póde conceber-se em governos despoticos, disse o nosso festejado poeta Thomaz Ribeiro:

Lede os mandados que essa Hespanha envia;
por essas mesas os vereis dispersos!

Heis de tremer de horror!
Vereis que nada a fome lhes sacia;
confiscos, proscricções, prisão, patibulos,
espionagens, traições, tramas preversos,
as familias tornadas em prostibulos,
a festa em saturnal, o riso em dôr!

Pesa sobre a Hespanha a macula d'esse plano?

Não: pesa sobre a memoria d'Olivares; é mais um crime a imputar a governos despoticos.

A revolução de 1640 salvou Portugal do ultimo opprobio, e salvou a Hespanha d'uma nodoa inapagavel na sua historia tão gloriosa como a nossa!

Hurrah, pela liberdade!

28 DE NOVEMBRO

O *Zirro*, como vimaranense sincero e amigo dedicado da sua terra natal, não podia deixar passar despercebido o dia commemorativo d'uma data que representa para Braga a sua eterna condemnação, e para Guimarães o despontar d'uma aurora brilhantissima que inundará de luz pura este abençoado torrão de tão nobres tradições.

Será esta porventura a satisfação mais cabal, a desafronta mais justa que este concelho póde receber pelos ultrajes que a sua honra soffreu!

O dia *28 de novembro de 1885* está ainda na memoria de todos os vimaranenses porque foi n'este dia que os nossos representantes á junta geral, tres cavalheiros inermes, foram selvaticamente corridos á pedra e lama pelas ruas de Braga em pleno dia e em presença das auctoridades locais que de braços cruzados assistiam a tão nojento espectáculo, prova evidente da sua connivencia!

Se pois o 1.º de dezembro de 1640 veio quebrar as algemas que rocheavam os pulsos portuguezes, o dia *28 de novembro de 1885* veio tambem resgatar-nos da escravidão a que nós vimaranenses estavamos sujeitos.

Para commemorar, pois, esta data, centenas de pessoas empunhando archotes, precedidas de uma musica que executava o hymno da independencia, percorreu as ruas, levantando entusiasticos vivas aos patriotas defensores dos interesses da cidade de Guimarães.

São duas datas memoraveis, uma para o paiz inteiro e outra para esta nobre cidade de Guimarães; e assim como aquella está para sempre gravada nos annaes da historia de Portugal, esta vae ser tambem legada ás gerações vindouras pela fabrica de colla que está prestes a ser installada sob o titulo de *28 de novembro*, proximo á estação de Villa-Flôr.

Esta fabrica devia ser inaugurada no dia 28 de novembro findo, mas, por atrazo dos trabalhos ficou adiada, não perdendo por isso o titulo que lhe está destinado.

Aos seus arrojados installadores, nossos presados amigos e illustrados conterraneos, snrs. Francisco José de Carvalho e Oliveira Junior, Antonio Ribeiro da Costa Salgado e Marianno Augusto da Rocha, os nossos cordeaes parabens acompanhados dos votos que fazemos pelo prospero futuro da fabrica de que são dignos proprietarios e que muito honra a nossa querida terra.

A redacção.

O MAR

Quando pronuncio esta palavra para mim tão repleta de encantos e de saudosas recordações, sinto em todo o meu ser um não sei que de extraordinario, um sentimento desconhecido que me deleita e embriaga quando na praia, mas que me entristece quando me ausento d'ella.

Gigante indomavel, colosso universal, o mar foi outr'ora supersticiosamente considerado sem limites, inculcando terror fanatico ás gerações obscuras do passado que apenas se atreviam a balouçar-se nas suas mais humildes e mansas arterias.

Com o decorrer dos seculos o mar deixou de ser um phantasma mortifero para ser o guia do homem na descoberta de novos horizontes; deixou de ser um abysmo interminavel para ser uma alavanca poderosa da civilização e do progresso; e nos nossos dias é mais

do que isso, é tambem arca inexaurivel de medicamentos com que a humanidade combate uma certa ordem de males que affecta o seu complicado organismo.

O mar tem a sua historia, tão triste e terrivel n'umas paginas como alegre e poetica n'outras.

Essa historia cheia de successos e tragedias, perde-se na escuridão absoluta e impenetravel dos tempos; liga-se á organização physica do universo.

A sua historia á primitiva!

Testemunha ocular de milhares de phenomenos e acontecimentos, quem poderá arrancar-lhe todos esses segredos, todas essas notas alegres e commoventes por elle archivadas desde as mais remotas eras!?

Mas não póde ser! A intelligencia humana é infinitamente pequena para penetrar os segredos do incomprehensivel que a rodeia!

O mar é um enigma que embala o homem no meio das mais chimericas phantasias e das mais audazes aventuras do espirito.

E embrenhado n'essas multiplices cogitações assim viverá eternamente.

Para Michelet o mar é a habitação de miriades de seres animados desde o mais debil e microscopico polypo até ao mais encorpado e valente cataceo;—para Humboldt o estudo do mar é um elemento indispensavel ao conhecimento do Cosmos—para o Padre Antonio Vieira o mar é um covil de traidores cujo principal representante está no polvo—para os poetas o mar é... um reservatorio abundante onde se alimenta o seu ideal, onde se fortalece a sua musa!

Para mim, o mar é... um mysterio!

Muitas tem sido as tentativas empregadas para conhecer a fundura do mar, mas até hoje, apesar de todos os trabalhos e sacrificios, os resultados obtidos não satisfizeram ainda a curiosidade irrequieta do espirito humano.

A falta de apparatus aperfeiçoados tem obstado a que se conheça precisamente a maior fundura dos oceanos. Actualmente suppõe-se que a carga d'agua maxima seja de 5 a 6 milhas, por haver na parte solida do globo montanhas d'esta elevação.

Lyell diz que a maior profundidade do Adriatico entre as bocas do Pó e Dalmacia é de 22 braças. Smith achou 950 braças de fundo entre Gibraltar e Ceuta. Poug calcula a maior fundura do oceano atlantico em 3 milhas e a do oceano pacifico em 4. Scoresby em 76 graus de latitude norte e 24 de longitude oeste, tendo deitado a sonda até 1200 braças não conseguiu achar fundo. Huxley penetrando com a sonda 4000 metros no leito do oceano tambem não foi mais feliz!

Tal é o antro já conhecido do gigante de que vimos fallando!

Mas o mar, não obstante todos os seus abysmos, todos os seus rancores, não deixa de ser um enfermeiro dedicado que nos fortalece e anima prodigalizando-nos ao mesmo tempo as mais sympathicas distrações.

Quem vive habitualmente n'uma povoação maritima, como por exemplo na Povoia de Varzim, experimenta uma grata sensação quando na epoca balnear e a qualquer hora do dia atravessa uma rua, um largo ou um passeio.

A cada passo vê casas novas, a cada momento encontra-se com uma quantidade extraordinaria de forasteiros, a cada instante distingue novos emigrados.

São os banhistas que chegam.

Os comboios succedem-se, os carros de todas as côres e feitios multiplicam-se, o tropel de empoados e pacientes bucephalos aproxima-se, a povoação toda emfim, agita-se.

E tudo isto por causa do mar, só pelo mar!

Tudo ali parece sublime! Esquecem-se as massadoras preoccupações que nos torturam no resto do anno, olvidam-se outros tantos cuidados que no regresso voltam a martyrisar-nos.

Que bem-estar poderá igualar-se ao que se experimenta n'uma praia, na companhia da familia, d'um amigo aspirando o perfume magica da athmosphera, sentindo o contacto suave da brisa que nos beija!?

E' por isso que eu adoro o mar, é por isso que admiro todos os seus attractivos, é por isso que lhe tributo estas breves palavras repassadas da mais ardente sympathia, é por isso emfim, que o mar para mim é... um mysterio!

Behring-Simpson.

RECLAMO

Em longas noites, sósinha,
envolta em lençoes de linho,
dorme, inquieta e nervosa,
n'um reles cátre de pinho.

Se accorda solta um bocejo,
e, nas trevas escondida,
em brincadeiras estranhas,
se diverte a rapariga!...

Depois, odeia o trabalho
do seu cargo de sopeira;
e erguendo-se offegante,
tudo o que faz sae asneira.

Mas, lembrando-se do *Zirro*,
annuncia alvoraçada:
«P'ra casa d'um homem só
uma excellente creada»!...

E. Caustico.

EM... ALGURES

IMPRESSÕES D'UM PASSEIO

O dia 20 de novembro, que havia despontado borrascoso proporcionou-nos uma tarde formosissima como se fôra uma d'essas tardes de primavera.

No numero dos visitantes d'aquelle aprazivel logar, divisavam-se tres apaixonados Romeus, cujos nomes constituem um enigma sob a fórma seguinte:—A. A. A.

Um d'elles, como ainda não tivesse chegado alli aquella a quem estas linhas são consagradas, enterteve-se n'aquellas proximidades, sobraçando uma espingarda com a qual attentava contra a vida das inoffensivas avesinhas que saltitavam na ramagem do arvoredo.

Ao aproximar-me da habitação, deparei com a visão querida que se debruçava n'uma das janellas. Foi isto certamente uma felicidade para as avesinhas que traziam a sua vida em risco, pois a entrega da espingarda, cinturão e mais aprestes não se fez esperar. Subi a escada que dá entrada para a casa e alli fiquei saboreando por diversas vezes o epitheto de *tratante* pronunciado com uma meiguise encantadora.

N'este meio tempo regressavam os companheiros que haviam subido a encosta, na direcção de ***, em companhia das suas adoradas.

Retiramo-nos para o jardim perseguidos pelos dois A. A., que não satisfeitos com a *dígração* queriam ainda prender a attenção de R., a minha fiel companheira.

Ella, porém, soube ser forte; resistiu a todos os impulsos, sem me retirar um atomo sequer da sua extrema affeição.

Obrigado—disse-lhe eu por entre dentes.

Sentados sobre o pequeno muro coberto de pequeninas plantas, colhi um ramo de serpão

que lhe offereci, tendo tambem em consideração as priminhas companheiras.

O meu amigo, snr. Guimarães, sympathizou com o idyllio e apresentou-se á frente dos *perseguidores* admoestando-os e fazendo-os retirar para certa distancia.

Passaram-se alguns momentos mais e entramos novamente na casa.

O sol ia mergulhando, deixando na sua passagem um clarão avermelhado.

Todos sentados, como em familia, jogamos o *sou eu*, um jogo sempre acompanhado de gargalhadas.

Os grandes olhos de R. fitavam-me com uma meiguise inexplicavel.

As horas apertavam-se e o coração constangia-se, mas era forçoso partir.

Eu e os meus dois companheiros despedimo-nos dos circumstantes, não nos sendo possível attender ás meigas supplicas de R., que instava para que nos demorassemos algum tempo mais.

Demos-lhe o *adeus da despedida* no topo da escada que dá para o quinteiro.

Adeus, repeti ainda, mas aquelle olhar penetrante tinha uma attracção irresistivel que eu não posso olvidar.

O primeiro A.

EM SEGREDO

Se um Hilario agora a visse
No passeio da cidade!
Quando falla, que bondade!
Quando sorri, que meiguice.

Não sei que bardo me disse:
«Por um ai d'essa beldade
«Eu dera amigo e confrade
«O verbo da bernadice!»

Como é linda! A Grecia impura,
Por ella daria em troca
A deusa da formosura!

Pois sabei que traz na roca
Os meus dias de ventura
E vae grande a massaroca.

João Penha.

O «BICHO» FELGUEIRENSE

(ENTRADA GRATIS)

Conforme promettemos no nosso numero passado, vamos mostrar o *bicho*, porque já recebemos o pandeiro. Mas para que o povo se não assuste, declaramos-lhe que este *bichinho* é creado nas mattas virgens da *Ortigueira*, proximo a Felgueiras.

Eis o seu *chamadoiro*: José Joaquim Lemos Coto de Carvalho.

Sem rabo! E' caso estranho.

O *Felgueirense* publicou algumas baboseiras d'este *probe d'isprito*, que estão muito, muitissimo aquem dos improvisos do celebre *Fava-secca*.

Dito isto escusado será darmos aos leitores uma pequenina amostra das *produções* alludidas, mas inda assim, vejam;

«Em Coimbra poetei
E nunca publiquei» (!)

Que assombro! Camões, Tasso e Dante, não faziam d'isto porque a tanto não chegava a sua *sabença*. Mas... admiram-se?

Pois então tenham paciencia, vejam mais os versos (se é que versos se podem chamar)

com que este poetastro conspurcou o nosso jornal, rabiscando-lhe á margem o seguinte:

«Bem como o que á porta se põe engeitado
Novo em novembro a tiritar
Assim tambem sem o eu esperar
Me poz surpresa vosso parto alado.

Ainda bem que veio baptizado
O *Zirro* para diante a soletrar
Que quem para traz o quizer virar
Ora riso ausenta: olhem que fado!...

E ficaremos por aqui porque a sua leitura causa nauseas.

Se um dia nos visitar em figura d'homem, esteja certo que ha de estreiar uma casaca nova feita pelo afamado *Galhardo*.

GAZETILHA

Que festa, meu Deus, que festa
O amigo Pires promoveu!
Occasião como esta,
Oh! nunca mais me appareceu.
Que festa, meu Deus, que festa
O amigo Pires promoveu!

Elle teve a felicidade
De sair bem da contenda

Felicito-o por amisade,
E quem quizer que me entenda.
Mas elle teve a felicidade
De sair beir da contenda.

De novembro o dia 8
Por nós seja lembrado
E no *bojo* do *introito*
Seja tambem memorado.

Os taes medicos d'agora
Não admitem sangrias
Mas o doente melhora
Com essas taes *avarias*,
E os medicos d'agora
Não admitem sangrias!

Embora o sangue lhe gire
Nas veias que o corpo tem,
Sempre é bom que se lhe tire
Algun para viver bem.

O mundo é isto, eu sei,
Mas que fazer-lhe? Já vês
Que dos viventes é lei
Morrerem por sua vez.

* * *

Ora agora, *sôr* Cerqueira,
Temos muito que fallar...
Pois então café na asneira
D'uns anninhos completar.

Sem nos dizer *agua vae?*...
Inda assim o Cerqueirinha
De certo n'outra não cáe,

Pois hade querer a prendinha.
Mas venha da Companhia
O deus Baccho numero 1
Se quer mostrar bizzaria
De que um amigo *ego sum*.

* * *

Alves Pereira Narcizinho
Um moço liso, bondoso,
Chegou um tanto surdinho,
Mas bastante vigoroso;
Alves Pereira Narcizinho,
Um moço liso, bondoso.

Chama-se Arthur Mascarenhas,
Um mancebo estudioso,
Que ao vêr-se em *papos d'aranhas*
Com o seu cargo espinhoso,
Pega n'um *vale* e lá vem,
Pedindo que o sirvam bem.

E' verdade, ia passando
A visita prelaticia...
Um dia assim memorando
Não passará sem noticia.

D. Antonio, o bom prelado,
Foi aqui bem recebido,
Elle mesmo entusiasmado
Declarou 'star confundido.

Chamou-nos ovelhas queridas,
Termissimos corações,
Que somos as escolhidas
Entre os *carneiros* turrões.

'Omessa agora, pois elles
Os de lá são mais mausinhos?
Tem razão, snr. Honorato,
São da breca levadinhos.

Dulcinea.

FACECIAS

Entre dois pescadores hespanhoes:

No rio da minha povoação, dizia um d'elles, atira você o anzol á agua e de cada vez traz uma arroba de peixe.

—Pois o rio que passa lá na minha villa não tem agua.

—Homem! então o que tem?

—E' tudo peixe...

—Sabes que não gosto das visitas do Alfredo?

—Pois que? acaso tens zelos de mim?

—Não, mas não quero que esse homem entre em nossa casa.

—Pois fazes mal. Alfredo vem com bom fim. O que pretende é casar commigo quando tu morreres.

Uma senhora tem uma nova cosinheira, e dava-lhe hontem as suas instrucções.

—Sobretudo, Claudina, tem muita cautela com o fogo! Tenho um medo horrivel aos incendios. Toma muito cuidado e não percas nenhuma precaução!...

—Eu tambem tenho muito medo, minha senhora. Mas esteja descansada... Ficaré todas as noites um bombeiro de portas a dentro!...

N'um baile:

—Minha senhora, se v. exc.^a me permite... que lhe rogue a fineza...

—Cavalheiro, sinto muito; mas já tenho pares para o resto da noite.

—Perdoe v. exc.^a, minha senhora, não é para dançar: é que v. exc.^a acaba de sentar-se em cima do meu chapeu!

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros que nos coadjuvam n'esta empreza, honrando-nos com a sua assignatura, agradecemos-lhes penhoradissimos.

Egualmente agradecemos os escriptos que nos foram enviados, e esperamos que os nossos collaboradores continuarão a honrar-nos d'ora avante, tendo sempre as columnas d'este jornal ás suas ordens para tudo que fôr de interesse publico.

Se alguns escriptos, porém, deixarem de ser publicados, não é outro o motivo, senão encontrarmos n'elles mais ou menos uma politica disfarçada, ou deficiencia de redacção.

E' nossa opinião abster-nos de fazer taes publicações para não dar ao jornal um caracter que não tem.

Pedimos permuta aos collegas a quem enviamos o nosso jornal.

DOMINGOS JOSÉ FERREIRA DA SILVA GUIMARÃES

SUCCESSOR

José Francisco Martins Móra

O abaixo assignado annuncia e faz publico por este modo que, por escriptura de 16 do corrente mez de novembro, celebrada pelo tabellião João Joaquim d'Oliveira Bastos, d'esta cidade, tomou de trespasse o estabelecimento commercial de ferragens, que n'esta cidade e na casa n.º 36 e 37 do campo do Toural, girava sob a firma do fallecido snr. Domingos José Ferreira da Silva Guimarães, trespasse que lhe foi feito pelos filhos e herdeiros do mesmo senhor, a cargo dos quaes ficaram as dividas activas e passivas do estabelecimento trespasado, em 1 de outubro do corrente anno.

Guimarães, 23 de novembro de 1887.

José Francisco Martins Móra.

268, RUA DO OURO, 270

(QUARTEIRÃO CONTIGUO AO RAC)

LISBOA

LUVARIA D. ROCHA & C.^A

Grande sortimento de luvas de pellica de 1.^a qualidade que é exclusiva fabricação d'este estabelecimento.

Além da luva de pellica Glacé e Suede ha bellissimo sortimento em seda escocia e de castor para militares.

Aos dignissimos habitantes das provincias

Consumidores de luvas, lembramos-lhe com devido respeito, que podem requisitar d'esta LUVARIA o catalogo, contendo: côres, preços e todos os esclarecimentos, para por elles fazerem as suas encomendas as quaes são sempre esmeradamente executadas e com a possivel brevidade remetidas.

LOJA ALLIANÇA

DE

ALFREDO DE OLIVEIRA NEVES

Com estabelecimento de mercearia, confeitaria, vinhos finos engarrafados, cognac, champagne, conservas inglezas e nacionaes, e mais generos pertencentes a este ramo de negocio.

117—LARGO DO TOURAL—118

GUIMARÃES

NOVO ESTABELECIMENTO

(POR JUNTO E A RETALHO)

JOAQUIM PEREIRA MENDES

Participa aos seus amigos e ao publico em geral, que abriu o seu novo estabelecimento, onde encontrarão um esplendido sortido de chitas, setinetas, percaes, morins, pannos crus, merinos de lã, lenços de seda, cachenez, chalinhos de malha, cotins, riscados, guarda-soes para homem e senhora, e todos os artigos de miudezas e quinquilharias, tudo artigos de gôsto, adquiridos nas principaes casas do Porto e Lisboa.

Para tudo reserva preços especiaes porque deseja vender barato.

Tem grande sortido de bilhetes de loterias, e promete dar a sorte grande a quem se habilitar.

RUA DE PAIO GALVÃO

(JUNTO Á ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO)

GUIMARÃES

COMPANHIA FABRIL SINGER

Agencia em Guimarães: Praça de D. Affonso Henriques 14 e 15

Acaba de receber um completo sortido das suas magnificas machinas Singer, de lançadeira oscillante, progresso recentemente introduzido nas suas machinas de costura que são as melhores do mundo! Certifica-o a sua enormissima venda e attestam-n'o os diplomas de honra e merito que em todas as exposições lhe são conferidos em primeiro logar! O representante da companhia n'esta cidade tem igualmente á venda todos os petrechos indispensaveis ás machinas Singer e bem assim carros de linha e torsal em todas as côres.

Se quereis ser bem servidos procurae a succursal da Companhia Singer em Guimarães.

Preços excessivamente economicos!

**BARATEZA SEM IGUAL!
SINGER!**

REPORTORIOS

E

ALMANACHS

PARA 1888

Da antiga Livraria Popular dos Loyos, do Porto

VENDA AVULSA

Seringador—Pitadas—a 40 réis cada um.

O Pae Amblozio de Suza—Almanach das Feiticeiras—Propheta Universal—Novo Amigo da Verdade—a 20 réis cada um.

Borda Leça—Borda d'Agua—Borda Vinho—Borda d'Ouro—Astrologo Luzitano—Pedro Coutinho Velho—a 10 réis cada um.

VENDAS POR JUNTO

Para revender grandes descontos.

Enviem-se para as provincias em caixões e como encomendas postaes.

Deposito geral

IMPRENSA CIVILISAÇÃO

DE

SANTOS & LEMOS

Rua de Santo Ildefonso, 73 a 77—Porto

para onde devem ser dirigidos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia em estampilhas ou vales do correio.

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

33, FEIRA DE S. BENTO, 35

PORTO

DIA 23 DE DEZEMBRO

EXTRACÇÃO DA LOTERIA DE MADRID

PREMIO MAIOR

450:000\$000

BILHETES A 105\$000 RÉIS—DECIMOS A 10\$500 RÉIS

Os pedidos da provincia devem vir acompanhados da sua importancia em estampilhas, vales do correio ou ordens á vista e dirigidos ao GERENTE d'esta FILIAL.

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

Feira de S. Bento, 33, 34 e 35

Numero do telephone, 132

O gerente, José-Maria Durão.